SIDNEY KLAJNER

PRESIDENTE DO HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN

Aos 15 anos, já tinha ambição de ser um cirurgião daqueles de "sair no meio do jantar e ir operar uma pessoa"

Entre os três irmãos, o garoto Sidney Klajner foi o único a se empolgar com a ideia de acompanhar o pai pediatra, dr. Henrique, de maletinha em punho, nas visitas aos pequenos pacientes nos fins de semana. Isso quando o cliente não aparecia na casa da família judaica no bairro paulistano do Bom Retiro para ser atendido no sofá emborrachado da sala onde ficava a televisão – resultado: todos tinham que parar de assistir TV. Foi nessas ocasiões que a medicina começou a encantar o menino. Ele percebeu que era uma profissão com poder de fazer a diferença. O semblante daqueles pais e mães no início da consulta era de desespero – e, no final, de extremo alívio.

Hoje, aos 51 anos, Sidney, cirurgião do aparelho digestivo e coloproctologista, está no terceiro ano (do mandato de seis) como presidente do Hospital Albert Einstein, depois de atuar como vice-presidente de 2010 a 2016. Com nove unidades, 9 mil médicos cadastrados, 579 leitos (com ocupação de 81,5%), 32.884 cirurgias, 4.237 partos e 339.275 consultas, o Einstein fechou 2018 com o faturamento de R$ 2,8 bilhões, um crescimento de 3,6% em relação ao ano anterior ("Acho que este ano o crescimento chega aos 4%", arrisca). Para Sidney alcançar o posto, no entanto, não foi simples – não pelos motivos óbvios da complexidade do cargo e do nível de exigência e excelência do hospital, mas pela pressão imposta pelo pai, que, mesmo sendo o segundo melhor aluno de biológicas do Colégio Bandeirantes, não entrou de primeira na faculdade – e não queria que a frustração se repetisse com o filho.

Para se dar bem no vestibular, Sidney saía do Colégio Bialik, em Pinheiros, comia um prato feito na esquina e pegava ônibus para ir ao cursinho do Anglo. Aos sábados, estudava das 8h da manhã até 5h da tarde. "Fui tão metódico que precisei brigar com meu pai para conseguir viajar para a Semana de Israel na Pousada do Rio Quente (GO) e participar da dança folclórica pelo grupo do Clube Hebraica", recorda.

Tanta dedicação surtiu efeito: o primeiro lugar na USP . "Aos 15 anos, já tinha ambição de ser um cirurgião como Maurício Shapiro *[médico amigo da família]*, de sair no meio do jantar e ir operar uma pessoa." Formado em 1991, fez residência no Hospital das Clínicas de 1992 a 1995 – no 4º ano, foi escolhido para um estágio na Mayo Clinic, na Flórida. "Mas o Einstein é o hospital da minha comunidade, era meu sonho de consumo."

Em 1998, participou de concurso para médicos no Einstein, ficou em segundo lugar e... não entrou. Quando criaram a unidade Alphaville, no começo de 1999, foi chamado e agarrou a chance com toda a força. Com a experiência de plantões em diversos locais, começou a gostar de falar de qualidade, de segurança, aplicação de boas práticas e outros assuntos que não cogitava no início da carreira.

"Um dia, às 6h da manhã, encontrei Claudio Lottenberg, presidente na época, na academia de ginástica do hospital. Eu já o conhecia dos tempos de danças folclóricas na Hebraica, ele era diretor de juventude e a gente ia lá pedir verba para figurinos, viagens etc. Ele disse que estava me vendo atuar em diversas comissões do hospital e perguntou se eu não queria participar mais ainda. 'Claro que quero', respondi." Daí para a frente, foi um caminho sem volta até alcançar a presidência – com destaque para o projeto de um novo modelo de relacionamento do corpo clínico com o hospital no futuro (trabalho que Sidney considera um divisor de águas em sua vida).

Casado há 27 anos com Meire (que conheceu no grupo de danças folclóricas da Hebraica) e pai de um casal (Nataly, 25 anos, e Tommy, 22), Sidney sempre foi ligado aos esportes. De dança folclórica, basquete e tênis, sobrou o tênis – que ele joga, religiosamente, todo sábado, há 15 anos, das 10h ao meio-dia. "Jogo até sair arrastado da quadra." **(DG)**

© FABIO H. MENDES/DIVULGAÇÃO